

Dezembro deve trazer um fato novo

Carlos Menandro 29.09.89

O acordo que limita os reajustes de preços ao máximo de 90%, da inflação do mês anterior dará uma sobrevida à política econômica até a realização do segundo turno da eleição presidencial. A partir da segunda quinzena de dezembro será preciso criar um outro fato, que poderá ser gerado a partir da expectativa do futuro governo, para se tentar levar a economia, sem hiperinflação, até a posse do novo presidente da República.

Essa é a avaliação da equipe econômica, depois de uma semana de estafantes reuniões com lideranças empresariais de todo o País em que se costurou o acordo. Se for seguido à risca, sem dúvida o acordo afastará do horizonte imediato o descontrole da economia, que já vinha emitindo sinais preocupantes. A aceleração inflacionária nas últimas semanas era um indício inequívoco de que os empresários vinham remarcando os preços com base em uma expectativa de inflação futura sempre ascendente. Balar os aumentos pela inflação passada é uma importante mudança de comportamento.

Tensão

Mas foi uma semana de muitas tensões dentro do governo. Na quarta-feira, por exemplo, enquanto voava de Brasília para São Paulo no jatinho do Banco do Brasil, Mailson discutia com seus assessores uma forma de jogar um pouco de água fria no princípio de pânico que contaminava o mercado financeiro. Chegaram à conclusão de que o Governo, desgastado e descreditado, não poderia ser portavoza de uma mensagem tranquilizadora. Era necessário, então, que os empresários assumissem o papel.

Algumas lideranças concorda-



Mailson: fôlego até dezembro

ram com a idéia do ministro e começaram a declarar que, para eles, empresários, seria melhor perder alguma coisa neste momento para evitar o descontrole do que perder muito, depois. O resultado foi o inverso do que se esperava. Esse tipo de mensagem foi captada pelo mercado como indicador de que o Governo poderia aplicar um calote na dívida pública. O dólar, na quinta-feira, ultrapassou a barreira dos NCz\$ 9,00.

“Tem de sair um acordo hoje”, comentou então o ministro Mailson da Nóbrega, na quinta-feira, quando percebeu que o eventual fracasso nas negociações poderia ter um efeito devastador nas chamadas expectativas. O temor permanente de que o Governo, a qualquer momento, possa aplicar um choque na economia ou promover qualquer alteração no sistema de financiamento da dívida interna transformou essas expectativas,

segundo os ministros da área econômica, em um fator de importância vital para a política econômica, capaz de determinar a direção dos acontecimentos.

Dúvida

Atuar sobre essas expectativas é, então, o objetivo central do acordo com os empresários. Mas, por melhores que sejam os resultados, não se imagina que serão suficientes para completar a travessia até a posse do futuro governo. Durante as discussões finais com os empresários, na quinta-feira à tarde, em Brasília, Mailson chegou a propor que o acordo poderia ser pelo prazo de três meses. A reação dos empresários foi imediata e Mailson dobrou-se a um argumento poderoso: fixar prazo seria uma estratégia fadada ao fracasso. A proximidade da data provocaria acúmulo das temidas expectativas e poderia ocorrer uma situação semelhante ao final do período de congelamento: os preços estouram e a inflação sobe aos saltos.

Quando promoveu, ao longo do mês de julho, a sequência de almoços e jantares com empresários para abafar o clima de intranquilidade que o País vivia naquele momento, com risco iminente de hiperinflação, Mailson e seus assessores imaginavam que aquelas conversas dariam resultado por um prazo máximo de 40 dias. Em setembro seria necessário “criar outro fato” para levar o barco adiante. Conseguiu atravessar o mês de setembro. Agora, a previsão de que o acordo que limita os aumentos de preços vai durar até a primeira quinzena de dezembro corre os mesmos riscos de erro de cálculo,